

# Como o “Ethos” de Cristãos se Modifica: Dois Casos em Pernambuco nos Anos 1930 -1940

*Ferdinand Azevedo\**

## Resumo

---

Nos anos 1930 -1940, dois católicos pernambucanos, Manuel Lubambo e Luiz Delgado, por razões diferentes, mudaram seu “ethos”. Lubambo deixou o autoritarismo de Vargas pelo de Salazar e Delgado deixou o mesmo autoritarismo pela democracia de Jacques Maritain. Este artigo tenta explicar essas mudanças utilizando o pensamento de Clifford Geertz.

---

**Palavras-chave:** *Ethos, Cristianismo; Pernambuco.*

## Abstract

---

In the 1930's and 1940's, two catholics from Pernambuco, Manuel Lubambo and Luiz Delgado, for different reasons, changed their “ethos”. Lubambo moved from the authoritarianism of Vargas to that of Salazar and Delgado left the same authoritarianism for the democracy of Jacques Maritain. This article tries to explain these changes using the position of Clifford Geertz.

---

**Key-words:** *Ethos, Christianity; Pernambuco.*

## Introdução

A Era Vargas não somente incluiu o autoritarismo do Estado Novo, mas, também, a redemocratização depois da Segunda Guerra Mundial. Foi um período de mudanças culturais marcantes quando o ex-ditador Vargas se transformou num presidente democraticamente eleito, e em Pernambuco

---

\* Professor do Departamento de História e do Mestrado em Ciências da Religião da UNICAP

o ex-interventor Agamenon Magalhães candidatou-se com sucesso para governador. No campo religioso, algo semelhante aconteceu. Católicos que favoreceram o regime autoritário do Estado Novo começaram a migrar para outro tipo de “ethos” autoritário ou para um “ethos” democrático. Neste estudo vamos utilizar o pensamento de Clifford Geertz, da tradição da antropologia simbólica, para entender estas mudanças. Em vez de buscar as causas ou origens para entender uma cultura, Geertz procura captar o seu significado, lendo as suas concepções que, segundo ele, são os significados dos símbolos<sup>1</sup>.

Utilizando essa metodologia pretendemos mostrar como um “ethos”, baseado no catolicismo, transformou-se em outros, nos anos 1930-1940, em Pernambuco. A trajetória pessoal de dois católicos pernambucanos, Manoel da Costa Lubambo (1903-1943) e Luiz Maria de Sousa Delgado (1906-1974), exemplifica esta transformação. Articulador de um “ethos” autoritário, Lubambo procede do mesmo e se transporta para outro “ethos” autoritário diferente; enquanto Delgado procede de um “ethos” autoritário para um “ethos” democrático.

## 1. “Ethos” no Pensamento de Geertz

Para entender o “ethos” no pensamento de Geertz, precisamos recorrer à sua conhecida explanação de religião:

(I) Religião é um sistema de símbolos que atua para (II) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (III) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (IV) vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que (V) as disposições e motivações parecem singularmente realistas<sup>2</sup>.

É preciso desdobrar esta definição para ver como o símbolo faz tudo isto.

<sup>1</sup> Clifford GEERTZ. A interpretação das culturas, pp. 67-68.

<sup>2</sup> Ibid., p. 67.

(I) Um Sistema de símbolos envolve padrões culturais e fornece informação “extrínseca”, diferente, por exemplo, dos genes num fio de DNA que fornecem informação “intrínseca”. É um modelo da realidade empírica num sentido duplo, tanto “da” realidade quanto “para” a realidade<sup>3</sup>.

(II) Disposições são tendências ou probabilidades para atividades, enquanto motivações são tendências persistentes para exercer atividades<sup>4</sup>.

(III) A religião afirma que, apesar da “inescapabilidade da ignorância, da dor e da injustiça no plano humano”<sup>5</sup>, a vida é compreensível. Nas palavras de Geertz: “[...] é justamente em termos de um simbolismo religioso, um simbolismo que relaciona a esfera de existência do homem a uma esfera mais ampla dentro da qual se concebe que ele repouse, que tanto a afirmação como a negação são feitas”<sup>6</sup>.

(IV) É principalmente pelo ritual religioso que a “perspectiva religiosa” é efetuada: “É no ritual – isto é, no comportamento consagrado – que se origina, de alguma forma, essa convicção de que as concepções religiosas são verídicas e de que as diretivas religiosas são corretas.”<sup>7</sup> Um homem religioso muda a percepção de um mundo caótico para outra de um mundo de ordem fundamentada num axioma que Geertz chama de “perspectiva religiosa”, que é: “[...] aquele que tiver de saber precisa primeiro acreditar”<sup>8</sup>.

(V) As disposições e motivações filtradas pelo ritual sagrado possibilitam à pessoa “entender” o mundo como ele realmente é, a fim de que ela possa voltar a viver nele com estas “novas” disposições e motivações<sup>9</sup>.

<sup>3</sup> Ibid., pp. 68-69.

<sup>4</sup> Ibid., pp. 70-71.

<sup>5</sup> Ibid., p. 80.

<sup>6</sup> Ibid.

<sup>7</sup> Ibid., p. 81.

<sup>8</sup> Ibid., p. 81.

<sup>9</sup> Ibid., p. 81.

Sabendo como os símbolos nos ajudam a entender a religião, podemos compreender a explicação de Geertz de como eles criam um “ethos” de um povo:

[...] símbolos sagrados funcionam para sintetizar o ‘ethos’ de um povo – o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos – e sua visão de mundo – o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas idéias mais abrangentes sobre a ordem<sup>10</sup>.

Geertz explica mais ainda:

[...] o ‘ethos’ torna-se intelectualmente razoável porque é levado a representar um tipo de vida implícito no estado de coisas real que a visão do mundo descreve, e a visão de mundo torna-se emocionalmente aceitável por se apresentar como imagem de um verdadeiro estado de coisas do qual esse tipo de vida é expressão autêntica<sup>11</sup>.

Com estes pontos de referências podemos apresentar Lubambo e Delgado e acompanhar como eles mudaram de um “ethos” para outro.

## 2. Manoel da Costa Lubambo (1903-1943)

Manoel nasceu no dia 13 de setembro de 1903, em Palmares, Pernambuco.<sup>12</sup> Em 1916, seu pai o colocou no escritório da Great Western em Jaboatão. Por intermédio de seu irmão Adalgiso, que trabalhava no mesmo escritório de João Vasconcelos, crítico literário, nasceu a amizade entre este e Lubambo. O crescimento de sua amizade com João Vasconcelos foi importante e já deu alguns indícios para sua futura carreira jornalística.<sup>13</sup>

<sup>10</sup> Ibid., p. 66.

<sup>11</sup> Ibid., p.93.

<sup>12</sup> João VASCONCELOS. *Manoel Lubambo*, p. 32.

<sup>13</sup> Ibid., p. 8.

Sem muita esperança, Lubambo inscreveu-se num concurso para o Banco do Brasil. Para sua surpresa passou, e o Banco o enviou para trabalhar no Ceará, em 1923. Nesses dois anos manteve rica correspondência com Vasconcelos, a qual revela um Lubambo cada vez mais interessado em literatura, citando autores como "Machado de Assis, Sílvio Romero, Alexandre Pope, a crítica moderna, Tristão de Ataíde, Afonso Arinos, Tobias Barreto, Buffon e outros."<sup>14</sup>

Suponho que Lubambo gostou de sua transferência, em 1925, para a filial do Banco do Brasil, em Rio Branco, antigo Olho d'Água dos Bredos, hoje Arcoverde, em Pernambuco. Em 1926 foi transferido, de novo, para o Recife. Voltou a morar em Jaboatão, onde jogava futebol na equipe do União Sport Club de Jaboatão.<sup>15</sup>

Lubambo continuou sua amizade com Vasconcelos, com quem discutia muito sobre livros e autores ingleses, em particular, Lafcadio Hearn e o seu livro *Out of the East*.<sup>16</sup> Sua carreira como jornalista começou sem muitas pretensões, José Maria de Albuquerque Melo, fundador da "Revista do Norte", possibilitou sua entrada no mundo jornalístico.<sup>17</sup> Nela, Lubambo publicou o seu primeiro ensaio intitulado *Character*, que não somente cria boa impressão, mas o artigo iria dar um meio privilegiado para entender seu pensamento como revela esta citação que está muito perto do que Geertz entende por "ethos":

Independência política não dá feição a povo nenhum. E há certos povos, privados de liberdade -- como por ex., o irlandês e o polaco de antes da guerra e até mesmo esses admiráveis cubanos em quem o caráter ibérico se projeta vitoriosamente, mesmo sob o protetorado dos U. S. A. --que merecem mais honestamente foros de cidadania do que outros que possuem hinos, exércitos,

<sup>14</sup> Ibid., p. 17.

<sup>15</sup> Ibid., pp. 13, 32-33.

<sup>16</sup> Hearn nasceu na Ilha Grega de Lefkas em 1850. Ficou muito conhecido por causa de seus trabalhos literários, introduzindo a cultura japonesa para os leitores ocidentais. Faleceu em 1904. Hearn LAFCADIO. Disponível em: <<http://www.LafcadioHearn.jp>>. Acesso em: 15 Mar. 2004.

<sup>17</sup> João VASCONCELOS. *Op. cit.*, p. 32.

armadas, berrantes cores nacionais, mas não possuem caráter. Caráter... Só o possuímos, vivo, marcado, inconfundível, no período colonial, quando continuávamos aqui a tradição da península. Na continuação dessa tradição é interessante o papel que coube à Igreja Católica.<sup>18</sup>

Seu relacionamento com o grupo da Revista o convenceu a mudar sua residência para o Recife.<sup>19</sup> Participou de um outro jornal, *Frei Caneca*, que contava com a ajuda financeira de Delfino Maria Marques e o estímulo intelectual de Joaquim Cardoso. Economicamente, o jornal foi um fracasso.<sup>20</sup> Sempre lutador, Lubambo saiu desta experiência negativa para lançar outro jornal, *Ação Pernambucana*. “Neste, Lubambo não é mais um cooperador, é o dono”.<sup>21</sup> Mas é noutro jornal, *Fronteiras*, que Lubambo confirma sua posição como jornalista.

*Fronteiras* tem duas fases. A primeira foi de maio de 1932 a março de 1933; a segunda e mais longa, de dezembro de 1935 a junho de 1940. *Fronteiras* estava ligado ao grupo dos Congregados da Congregação Mocidade Mariana Acadêmica (CMMA), cujo diretor fora Pe. Antônio Paulo Ciríaco Fernandes. A CMMA atraiu homens competentes que compartilhavam as mesmas orientações religiosas e políticas, e, num contexto histórico imprevisto, em 1937, o Interventor Agamenon Magalhães, por razões políticas, iria escolher cinco deles (Manoel Lubambo, Secretário da Fazenda, Etelvino Lins, Secretário da Segurança, Apolônio Sales, Secretário da Agricultura, Arnóbio Tenório Wanderley, Secretário de Governo, e Nilo Pereira, Secretário de Educação) para integrar o seu governo.<sup>22</sup> Além de ser Secretário da Fazenda, Lubambo, também, junto com dois outros congregados,

<sup>18</sup> Manoel LUBAMBO. Caráter. *Tradição*, p. 104.

<sup>19</sup> João VASCONCELOS, *Op. cit.*, p. 35.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 37.

<sup>21</sup> *Ibid.*

<sup>22</sup> Dulce Chaves PANDOLFI. *Pernambuco de Agamenon Magalhães: consolidação e crise de uma elite política*, p. 48.

José Maria Carneiro de Albuquerque Mello e Arnóbio Tenório Wanderley, foi indicado pelo coronel Secretário da Segurança Pública para trabalhar na comissão para “indicarem os livros e outras publicações a serem apreendidas pela Superintendência do Serviço de Repressão ao comunismo”.<sup>23</sup>

Quando Lubambo foi indicado para a Secretaria da Fazenda, em 1937, trabalhava no Banco do Brasil. Bem capacitado para este trabalho, permaneceu nele por cerca de vinte meses, saindo no dia 25 de julho de 1939. Na sua curta gestão, teve o orgulho de equilibrar o orçamento do Estado sem deixar de atender a todas as necessidades básicas. Certamente, Lubambo ganhou a confiança de Magalhães, visto que o Interventor o permitiu iniciar a Caixa de Crédito Mobiliário, possibilitando crédito tanto para o setor agrícola como para o comércio em geral.<sup>24</sup> E, ao sair da Secretaria, deixou as finanças bem arrumadas para o seu substituto José Maciel, no inverno de 1939.<sup>25</sup>

Com tanto sucesso, a sua saída parece estranha. Tudo indica que divergências entre ele e Magalhães sobre a política e sua maneira autoritária e violenta para implementar o programa “Liga Social Contra o Mocambo”, em julho de 1939, para eliminar os mocambos (casas insalubres de taipa) da cidade do Recife constituem a razão.<sup>26</sup> Lubambo voltou para o Banco do Brasil, ficando responsável pela pasta de Carteiras de Câmbio (Contribuição verbal).<sup>27</sup>

Foi em julho de 1939, também, que Lubambo deu uma entrevista ao representante de uma revista belga, “Chrétienté-Occident”, intitulado, *Inquérito sobre o problema do nacionalismo cristão*.

<sup>23</sup> Pernambuco. Portaria nº 1391, de 24 de novembro de 1937. *Diário Oficial do Estado de Pernambuco-Estados Unidos do Brasil*, p. 7.

<sup>24</sup> Manoel LUBAMBO. Caixa de Crédito Mobiliário, pp. 14-15. O governo de Magalhães favoreceu cooperativas. Ver PANDOLFI, Dulce Chaves. Op. Cit., p. 71.

<sup>25</sup> LEMBRANÇA do IIIº Congresso Eucarístico Nacional aos seus Irmãos do Norte e do Sul, p. 68.

<sup>26</sup> Dulce Chaves PANDOLFI. Op. cit., p. 61; AZEVEDO, Ferdinand. *A missão portuguesa da Companhia de Jesus no Nordeste 1911-1936*, p.150.

<sup>27</sup> Contribuição verbal de Anna Maria Lubambo do Rego Barros.

Nela revela sua opinião contundente tanto sobre o fascismo como sobre a democracia:

Era grande tempo de dizer coisas como estas. Não precisamos de modelos estrangeiros, senão naquilo que deve ser comum a todos os regimens de ordem. O ‘fascismo’ – sem embargo do caracter épico do regimen, que banha no clima nobre e saudável da exaltação da pátria e da família – é, em sua concepção do Estado estranho a meu país. Porém muito mais que estranha – exótica – é esta decantada democracia, transplantada ao Brasil, nos flancos do liberalismo maçônico, no primeiro quartel do século XIX e à sombra da qual se tem cometido tantos crimes contra o Brasil. A nossa tradição está longe de ser democrática. É aristocrática e autoritária. Corporativa também. É na defesa e na propagação destas idéias, tão caras à melhor corrente da minha geração, que *Fronteiras* vê seu caminho e seu combate.<sup>28</sup>

A última frase desta citação define bem a finalidade da revista *Fronteiras* e revela uma atitude negativa sobre a democracia bastante comum não somente entre o “Grupo *Fronteiras*”, mas de outros também durante os anos do Estado Novo no Brasil.

O ano de 1940 foi importante na sua vida porque a Companhia Editora Nacional publicou seu livro *Capitais e grandeza nacional* na coleção Brasileira. Com este livro Lubambo se tornou conhecido não somente no Brasil mas também fora do país. Deu uma conferência sobre o livro no Itamaraty no Rio de Janeiro em março de 1940, organizada pela Divisão de Cooperação Intelectual do Ministério do Exterior.<sup>29</sup> Também, o conhecido político e historiador Roberto Simonsen elogiou o livro dizendo: “É o primeiro livro que vejo escrito no Brasil, inteiramente dedicado à defesa dos interesses das classes conservadoras e da evolução

<sup>28</sup> Manoel LUBAMBO. Inquérito sobre o problema do nacionalismo cristão. Entrevista com Armaund Bernadini da revista “Chrétienté – Occident”, pp. 8-9.

<sup>29</sup> Uma conferência do sr. Manoel Lubambo no Itamaraty. Jornal Pequeno; CAPITAIS e grandeza nacional: o livro do escritor Manuel Lubambo, pp. 1-2.

social mais conveniente do país".<sup>30</sup> Mais importante foi a reação dos Estados Unidos. William P. Everts, Presidente do The Latin American Economic Institute, sediado em Boston, Massachusetts, gostou tanto do livro que o convidou para ser sócio do Instituto.<sup>31</sup> Igualmente bem impressionado foi o Professor Percy A. Martin da Universidade de Stanford, que numa carta elogiou o trabalho.<sup>32</sup> Em Pernambuco, porém, apareceram reações negativas. José Wamberto explica bem a tese do livro e o contexto de sua publicação.

Sem capitais, não há como falar-se em elevação do trem de vida. Aí estão, também, idéias que se antecipavam, cerca de vinte anos, à industrialização do Nordeste. Mas -- devemos reconhecer -- à exceção de uns poucos entre os quais se incluíam algumas atentas figuras do Governo, não foi bem compreendida a mensagem de Manuel Lubambo. Ele na verdade, deflagrava uma reação contra aquilo que a sua aguçada sensibilidade já pressentira: a República Sindicalista que o Estado Novo fixara como objetivo final. E o melhor sintoma percepção da verdadeira intenção de Lubambo pelo Governo, foram as dificuldades dos que começaram a surgir. Recordo-me que me encontrava no alto sertão, em Serra Talhada, quando li o artigo severo do Interventor Agamenon Magalhães contra o livro.<sup>33</sup>

Para Wamberto, estava claro que os poderes do Estado Novo motivaram a carta do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) assinada pelo Diretor da Divisão de Imprensa, Jarbas de Carvalho, informando a Lubambo da decisão do Departamento de não conceder o registro à revista *Fronteiras* no dia 25 de setembro de 1940.<sup>34</sup>

Somos da opinião de que a decisão do DIP para terminar a existência de *Fronteiras* foi uma divisão de águas entre Lubambo

<sup>30</sup> Tirado do panfleto de propaganda sobre o livro *Capitães e grandeza nacional* da propaganda da Companhia Editora Nacional.

<sup>31</sup> [Carta de William P. Everts a Manuel Lubambo].

<sup>32</sup> [Carta de Percy A. Martin a Manoel Lubambo].

<sup>33</sup> José Wamberto. Manuel Lubambo: uma consciência em ação, p. 13.

<sup>34</sup> [Carta do Diretor da Divisão de Imprensa a Manuel Lubambo].

e o “Estado Novo” de Vargas. Para Lubambo, *Fronteiras* tinha uma missão que alguns membros da CMMA perceberam claramente. Estes, onze em número, no livro “Lembrança do III Congresso Eucarístico Nacional”, deram uma precisa descrição desta missão, particularmente da segunda fase da revista:

*Fronteiras* na segunda fase está realizando sua obra memorável de revisão histórica. A brusca mudança de sentido que caracterizou a civilização post-renascentista devido à Reforma protestante, refletiu-se na ciência histórica moderna. É que a história possui uma importância fundamental. Do ponto de vista religioso liga-se a ela a veracidade do patrimônio sagrado do dogma. Do ponto de vista temporal e profano a ela prende-se a tradição, em torno da qual cristalizam profundos sentimentos patrióticos. Daí a tendência a buscar no passado, e no passado mais remoto possível, as fontes do presente.

Este ‘processus’ radicando assim em profundas raízes psicológicas realizou-se na maior parte dos países europeus. Assim é que na Inglaterra surgiu a afirmação de já ela ser protestante desde muito antes de Lutero, e na França, Portugal e outros países latinos acentuava-se a existência de raízes históricas para o anti-clericalismo e para a reação contra os dogmas da Igreja. No Brasil a preocupação seria tingir o passado com as cores do liberalismo e do anti-lusitanismo.

Em face desta obra de deformação surgiu a necessidade da revisão que assumiu paralelamente aspetos universais. Na Inglaterra iniciou-a Belloc, em Portugal Antônio Sardinha e outros, na França, Jean Guiraud e tantos outros. Lubambo tentou iniciá-la entre nós.<sup>35</sup>

Segundo Wamberto, mesmo antes da carta do DIP em setembro de 1940, Lubambo já estava sentindo a pressão do DIP; e quando a notícia chegou, reagiu:

Mas o lutador (Lubambo) não se habituava ao ostracismo jornalístico, não abdicava. Pensou, então, em um novo instrumento de luta. Proibida a circulação de *Fronteiras*, imaginou outro mensário,

<sup>35</sup>

Lembrança do IIIº Congresso Eucarístico Nacional. São Paulo, p. 60.

de título afirmativo quanto os outros. Chamar-se-ia *Temudo*, o herói que a tradição aponta como tendo defendido a entrada da igreja da Misericórdia, em Olinda, contra os holandeses, até perecer. Abaixo do 'cliché' do título, esta legenda feliz: 'Pernambuco e outras Províncias, vistas do Recife e Olinda'.<sup>36</sup>

Retrospectivamente, sabendo do fim da revista, não é surpreendente que nos últimos números de *Fronteras* Lubambo deu bastante ênfase ao governo de Salazar, visto que ia publicar o livro *O humanismo financeiro de Salazar*. Tudo isto revela um afastamento gradual mas persistente de Lubambo do "Estado Novo" de Vargas para o "Estado Novo" de Salazar. Uma vez publicado, o livro, como poderia ser previsto, agradou ao governo português e Lubambo; pela intermediação do seu grande amigo, Manuel Anselmo, Cônsul Português no Recife, foi convidado para trabalhar no governo português. Enquanto estava fazendo todas as preparações para a viagem não somente para ele mas, também, para toda a sua numerosa família, inexplicavelmente, ficou doente.<sup>37</sup> E para a surpresa de todo mundo, seu estado de saúde piorou tanto que foi internado no Hospital Português e faleceu pouco depois, no dia 14 de março de 1943. Os médicos diagnosticaram uma doença do fígado ou uma rotura do baço. Deixou sua esposa Maria Vespertina Pinheiro Lubambo, com a qual se casou em 1931, e seis filhos.<sup>38</sup>

### 3. Luiz Maria de Sousa Delgado (1906-1974)

Luiz Delgado nasceu em Olinda, cidade que sempre o cativou e serviu como inspiração para seus consideráveis dotes literários e poéticos. Diplomata nato, sua educação primária e secundária foi no Colégio Arquidiocesano de Olinda.

<sup>36</sup> José WAMBERTO. *Op. cit.* Interessante notar que a direção do novo jornal seja do próprio José Wamberto.

<sup>37</sup> Contribuição verbal de Anna Maria Lubambo do Rego Barros.

<sup>38</sup> Houve outra filha que nasceu dois meses depois da morte de Lubambo, Maria de Fátima que faleceu como criança. Contribuição de Ana Maria Lubambo do Rego Barros; Contribuição verbal de Manuel Francisco Lubambo.

Formou-se pela Faculdade de Direito do Recife em 1926, sendo aluno laureado e orador de sua turma.<sup>39</sup> Mesmo neste tempo, já trabalhava no *Jornal do Commercio*, escrevendo uma meia coluna intitulada *Notas Avulsas*. Dois anos depois, exerceu o cargo de “Terceiro escriturário da Secretaria do Interior e Justiça no governo de Estácio Coimbra”.<sup>40</sup> Em 1929, o chefe de Delgado candidatou-se a deputado federal e teve de descompatibilizar-se. Para seu substituto, o governo estadual chamou o pedagogo Antônio Carneiro Leão. Para sua surpresa, Leão o convidou para ser seu oficial de gabinete.<sup>41</sup> Devido às responsabilidades do cargo, Delgado teve de sair do *Jornal de Commercio*, onde já criticava os políticos ligados a Carlos de Lima Cavalcanti e seu *Diário da Manhã*, adversários principais ao Governo de Estácio Coimbra.<sup>42</sup> Delgado nunca teve ambições políticas; porém, defendia suas opiniões políticas. Como tantos outros jovens católicos de sua geração, sofre a influência de Jackson de Figueiredo. Delgado nos diz:

[...] tendo sofrido desde estudante a influência de Jackson de Figueiredo, leitor de Charles Maurras e Maurice Barrès, com as suas doutrinas de tradição e de ordem, tendo acompanhado os artigos em que Gilberto Freyre divulgara no Recife, vários nomes e livros do movimento anti-liberal que se alargava na Europa não me seduzia a propaganda dos revolucionários brasileiros. Via em seus programas somente medidas exteriores e superficiais, como o voto secreto; não esperava que dali surgissem as providências profundas capazes de melhorar as estruturas políticas ou -- muito menos -- o comportamento do homem, base moral de todas as reformas fecundas.<sup>43</sup>

Se Delgado deu importância à vida moral da pessoa, deu ainda mais à religião. Indicação disso aparece no seu único romance, intitulado *Inquietos*, publicado em 1929.

<sup>39</sup> Marcílio Lins REINAUX. *O mundo guardado de Luiz Delgado*, p. 32.

<sup>40</sup> Luiz DELGADO. Carlos de Lima Cavalcanti: um ‘Grande’ de Pernambuco, pp. 23 -24.

<sup>41</sup> Ibid.

<sup>42</sup> Ibid.

<sup>43</sup> Ibid., p. 24.

Anos mais tarde em seu discurso de recepção na Academia Pernambucana de Letras, em 1940, Andrade Bezerra salientava exatamente este tema:

O livro destaca, na massa amorfa de uma mocidade frívola e incapaz, e, o que é pior, conformada com a própria inferioridade, dois jovens inquietos -- Eugênio e Paulo -- ambos ainda disponíveis e hesitantes. Esse fermento de inquietação salvadora, eles não haviam adquirido pela influência pessoal dos seus mestres, tão esterilizante lhes fora a formação da inteligência na escola, assim por vós descrita: 'A instrução como lhe ministrara a mentalidade reinante, não passava de um estágio para a matrícula nas escolas superiores. Eles viam chegarem os professores, darem sua hora de aula e irem embora. Uns sabiam mais e outros menos. Uns se dedicavam, outros não. Mas nenhum lhes disse como é que o espírito pode desenvolver-se em virtude de suas forças naturais, utilizando as ciências.<sup>44</sup>

Eugênio é o personagem central e Delgado se revela muito quando diz: "[...] Eugênio, mais impetuoso, mais individual, voltando a verdade total por uma ação mais iluminativa e sentimental".<sup>45</sup> Só faltou o adjetivo "religioso para antecipar o desfecho que Delgado tem planejado para o seu romance. E sim, no fim Eugênio encontra o que estava procurando "na velha igreja de São Francisco de Olinda":

Ajoelhou-se, lembrando-se de uma cruz que havia no monte mais alto, abençoando sua cidade, -- o cruzeiro das missões de todas as cidades da sua terra. Pensou que cruzeiros assim rígidos davam sombra, no mundo inteiro, ao pensamento dos homens. E parecia que a religião de sua infância e do seu lar ressuscitava nele, criando novas raízes, aos arrancos, dentro do seu coração.<sup>46</sup>

Apesar dos rasgados elogios de Bezerra, Delgado nunca escreveu outro romance, mas, para nós, "Inquietos" define a orientação do seu pensamento.

<sup>44</sup> Antônio V. A. BEZERRA. O discurso do Sr. Andrade Bezerra, p. 30.

<sup>45</sup> *Ibid.*, p. 31.

<sup>46</sup> Luís DELGADO. *Inquietos*, p. 155.

Na eleição de 1930, Delgado votou pela primeira vez na sua vida e escolheu Júlio Prestes para Presidente. Retrospectivamente, este voto deveria ter impedido sua participação no governo de Lima Cavalcanti, o Interventor de Vargas, visto que a “revolução” da Aliança Liberal estava pronta para acontecer. Ninguém ficaria mais surpreso dos eventos subsequentes da “revolução” que o próprio Delgado. Uma vez instalado como Interventor, Lima Cavalcanti não exigiu a mudança de alguns funcionários do escalão inferior. Seu chefe anterior tinha deixado o seu cargo, e Delgado, inicialmente, quis pedir a sua saída também. Mas, seguindo o conselho de um dos seus colegas de trabalho, Aderbal Novais, que conhecia pessoas ligadas à revolução, Delgado simplesmente continuou com suas atividades anteriores. E assim foi conquistando a simpatia das autoridades do novo regime, apesar do fato de que todos sabiam de suas preferências políticas.<sup>47</sup> Este procedimento incomum ficou até mais firme quando Delgado tornou-se o Secretário de Governo do próprio Interventor em 1934.<sup>48</sup>

Já vimos como Delgado, sendo conhecido como pessoa de honra, atraiu pessoas que não necessariamente concordavam com suas posições políticas. Outro exemplo disso foi sua entrada no Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico de Pernambuco, em 1931. Mesmo antes da “revolução” de 1930, submeteu um estudo seu ao Instituto conforme nos informa:

A minha posse foi marcada, em 1931, para o dia 2 de julho, uma das datas magnas do Instituto, aniversário da revolução de 1824 que, no desenvolvimento de protestos contra a política de Pedro I, inclusive contra a dissolução da Assembléia constituinte, instaurara a Confederação do Equador. Era um movimento com o qual não sentia eu a mínima afinidade e num sentido de rigorosa oposição aos seus métodos de ação violenta, ao seu terrorismo liberal e ao seu republicanismo antecipado é que escrevi meu discurso.<sup>49</sup>

<sup>47</sup> Idem. Carlos de Lima Cavalcanti: um ‘Grande’ de Pernambuco, p. 24.

<sup>48</sup> Ibid., p. 36.

<sup>49</sup> Luís DELGADO. Carlos de Lima Cavalcanti: um ‘Grande’ de Pernambuco, pp. 53-54.

Esta predileção por posições conservadoras vem de longa data. Delgado já nos informou que sofreu a influência da tradição de Jackson de Figueiredo e que os "revolucionários" de 1930 não o convenceram. Mesmo assim, em 1934, noutro trabalho, intitulado *Um aspecto da monarquia*, destacou, com mais objetividade que é tão típico, dele, a importância da monarquia na história do Brasil. Afirma: "E se o Brasil existiu tal como existe ainda hoje, devêmo-lo ao Trono."<sup>50</sup>

Em 1936, no contexto um pouco diferente, Delgado, membro do Instituto Arqueológico, foi convidado para ser orador oficial na data comemorativa "da entrega do Recife pelos Holandeses aos insurretos luso-brasileiros". Isto foi antes do famoso trabalho de Manoel Lubambo, "Contra Nassau", argumentando que o governo estadual devia cancelar as comemorações honrando Maurício de Nassau. Delgado nos disse:

Aceitei, de propósito, o convite e, dentro de minhas convicções sobre os benefícios inestimáveis da colonização portuguesa, antecipei uma tese que o Prof. Mário Neme, mais de trinta anos depois, retomaria no seu livro **Fórmulas Políticas do Brasil Holandês** (S. Paulo, 1971): argumentei e documentei que a Holanda nada nos ensinara em política e o elogiado Congresso de Escabinos, convocado pelo príncipe Maurício de Nassau, serviu somente para mostrar o senso de organização social e jurídica em que nos tinha educado os Senados das vilas que existiam no Brasil desde as capitânicas hereditárias. O meu trabalho teve uma repercussão que se revela no fato, por exemplo, de ter sido publicado na íntegra, a pedido do diretor-proprietário Manuel Lubambo, no mensário **Fronteiras** que viria a ser, depois, a vanguarda da oposição às comemorações projetadas.<sup>51</sup>

Nestes anos aconteceu a controvérsia acirrada entre Jacques Maritain e o Pe. Antônio Fernandes e amigos. Inicialmente, Pe. Fernandes ajudou a distribuir os livros de Maritain entre os membros da CMMA e ninguém podia imaginar que iria brigar com o filósofo francês. Neste momento, membro da CMMA, Delgado provavelmente se sentia em casa devido ao

<sup>50</sup> Idem. *Um aspecto da monarquia*, p. 17.

<sup>51</sup> Idem. Carlos de Lima Cavalcanti: um 'Grande' de Pernambuco, p. 56.

fato de que ele mesmo foi uma das primeiras pessoas a divulgar o pensamento de Maritain no Recife, até sugerindo a Andrade Bezerra para usar o seu livro *Éléments de Philosophie* no curso que estava sendo planejado para a CMMA.<sup>52</sup>

O livro que iniciou esta controvérsia foi *Humanism intégral: problèmes temporel et spirituel d'une nouvelle chrétienté*, publicado em 1936. Este livro não é fácil, e, mais tarde, Maritain iria aperfeiçoar o seu pensamento filosófico político noutro, *O homem e o estado*, em 1953. Em todo caso, o livro apresentou a base principal de sua filosofia política social: a importância da pessoa humana, sua dignidade como cristão e seu envolvimento. Defendeu um humanismo “teocêntrico” contraposto a um humanismo “antropocêntrico”.<sup>53</sup> Na sua argumentação, Maritain desvalorizou o pensamento do espanhol que viveu no século XVI, Luiz de Molina, SJ., e, mesmo não querendo, reacendeu uma antiga querela chamada “de auxiliis” ou “sciencia media” entre Molina e Domingo Bañes<sup>54</sup> O Pe. Fernandes não gostou. Mais chocante para ele não foi nada dentro deste livro, mas a posição de Maritain em relação à Guerra Civil Espanhola. Maritain defendeu uma posição neutralista. Para Pe. Fernandes, pior não podia ser, visto que o General Francisco Franco, segundo o religioso, estava defendendo o cristianismo contra os republicanos e comunistas.<sup>55</sup>

Para o contexto brasileiro, a sua afirmação neste livro de que o cristão podia exercer sua cidadania no regime democrático gerou reações tanto positivas como negativas. Maritain tinha a experiência de como regimes totalitários revelaram as deficiências de um liberalismo baseado numa falsa ideia de liberdade e democracia, simplesmente subjugando e utilizando as pessoas humanas como peças de uma máquina.

Para as pessoas vivendo num Brasil com uma experiência de democracia da República Velha e as atividades políticas de

<sup>52</sup> Idem. Um só Maritain.

<sup>53</sup> Jacques MARITAIN. *Humanismo integral: uma visão nova da ordem cristã*, pp. 27-32.

<sup>54</sup> Ibid., p. 18.

<sup>55</sup> Antônio FERNANDES. *Antônio Jacques Maritain: as sombras da sua obra*.

Vargas nos anos 1930, as ideias de Maritain pareceram uma utopia. A seu favor, porém, foi que os aliados na sua vitória, na Segunda Guerra Mundial, mesmo com a participação da Rússia comunista, de fato, venceram a Alemanha Nazista. Se o Brasil lutou e participou desta vitória com os aliados contra a Alemanha Nazista, qual seria a reação ao regime ditatorial de Vargas? E para os cristãos, sendo a democracia, de fato, entendida por um outro prisma, havia possibilidades para o Brasil. Objetivo como sempre, Delgado, também, tomou conhecimento de Maritain, tanto do homem como do filósofo, e ficou cativado. Delgado iria participar, à sua maneira, da redemocratização do Brasil.

Além de ser um grande intelectual, Maritain foi um homem de muita fé, e isto certamente chamou a atenção de Delgado. Também, a sua própria trajetória intelectual, progredindo das reflexões sobre filosofia para os assuntos políticos, devido às suas preocupações com as dificuldades do seu País, a França, mostrou seus sentimentos profundamente humanos. Para Maritain, política e governo têm que ser baseados na ética e moral, e visto que a maneira de filosofar de Maritain estava centralizada na pessoa, a vida política tinha que cuidar da pessoa e sua dignidade como cidadão e como cristão.<sup>56</sup> Não é surpreendente que Delgado tenha sido influenciado por Maritain. Isto está evidente nos seus trabalhos quando escrevia no *Jornal do Commercio* ou quando contribuía para publicações confessionais como Presidente da Ação Católica da Arquidiocese Olinda e Recife.

No *Jornal do Commercio* diz:

O erro da Revolução francesa resume-se em ter pretendido afastá-las de suas fontes autênticas e de sua mais autêntica inspiração. Todo o cristianismo está construído numa base de liberdade: porque era livre, o homem pecou, mas porque é livre, recebeu e recebe a Redenção. Cristo não morreria por seres acorrentados à necessidade moral e incapazes de escolher entre o mal e o bem. E até onde, na inadequação de nossas palavras a sua grandeza infinita, se pode dizer que alguma coisa criada é digna dele, – semelhante dignidade só se

<sup>56</sup> Luiz DELGADO. À margem da filosofia social de Jacques Maritain, pp. 218-219.

encontra na homenagem de amor dos corações livres, na caridade em que floresce e frutifica a liberdade dos santos.<sup>57</sup>

E sobre o que constitui uma civilização cristã, Delgado escreveu no Boletim da Liga Feminina da Ação Católica, “Para o Alto”:

Uma civilização cristã é uma cultura, uma organização prática da vida, tanto no seu aspecto espiritual como no seu aspecto material à luz dos ensinamentos de Cristo. Tem de ser a realização na existência individual e social, daquele princípio em que o próprio Cristo resumiu toda a lei e os profetas – amar a Deus e ao próximo. Ora, poderá alguém, sabendo disto, afirmar que qualquer dos regimes sociais vigentes pelo mundo afora, seja de fato uma civilização crista?<sup>58</sup>

O início do Estado Novo não foi um momento fácil para as pessoas que favoreciam o pensamento de Maritain. Mesmo assim, Delgado começou um “Centro de Estudos Jacques Maritain” e nos informa:

Numa sala do Juizado de Menores, oferecida pelo solícito Rodolfo Aureliano, reunimo-nos Hélio Mendonça, Luís Rafael Maier, Newton Sucupira, Wamberto Morais, eu e outros para estudar o filósofo a cujo respeito Newton Sucupira apresentou, certa vez, um ensaio admirável de cujo mérito ainda me lembro. Naturalmente, a sociedade teve pouca duração. Mas, era um gesto de fidelidade. Jacques Maritain não deixava de estar presente entre nós.<sup>59</sup>

Extremamente honesto e objetivo, Delgado, cuja posição como intelectual e homem público estava estabelecida em Pernambuco, aceitou a direção da *Tribuna*, jornal da Arquidiocese em 1948, a pedido do Arcebispo Dom Miguel de Lima Valverde e continuou até sua extinção em 1961. Para comemorar os quarenta anos da conversão de Maritain ao catolicismo, a revista

<sup>57</sup> Idem. Alguns aspectos do problema da liberdade, pp. 26-27.

<sup>58</sup> Idem. À margem da filosofia social de Jacques Maritain, p. 2.

<sup>59</sup> Jacques MARITAIN. Alguns passos de Maritain no Recife.

A *Ordem* do Rio de Janeiro publicou um número especial no qual Delgado contribuiu. Terminamos nossa apresentação de Delgado com uma citação desta contribuição que expressa bem por que o próprio Delgado optou pelo “ethos” democrático defendido pelo filósofo francês:

Maritain enfrentou então a tarefa delicada e espinhosa de mostrar os verdadeiros valores que o homem efetiva socialmente, o sentido de sua dignidade real como criatura racional e livre, possuidora de direitos inalienáveis, redimida por Deus e um inevitável contato com a Graça que aceita ou repele, e o modo como esses valores podem ser objetivados dentro de determinados ambientes históricos.<sup>60</sup>

#### 4. Observações Finais

As trajetórias de Lubambo e Delgado começaram num “ethos” autoritário, mas divergiram nas suas opções finais. Lubambo estruturou seus argumentos culturais e econômicos em cima dum cruzamento muito peculiar. Visava um nacionalismo brasileiro nascido da nação portuguesa católica e de sua monarquia na idade média. Frustrado por Vargas, optou pelo “ethos” simbolizado pelo “Estado Novo” de Salazar, acreditando que este estava mais fiel à tradição autoritária que, segundo Lubambo, era a razão do sucesso do regime corporativista em Portugal.

Delgado tinha outras sensibilidades. Inicialmente adepto das posições autoritárias, descobriu que o catolicismo não estava necessariamente embutido na tradição autoritária, mas podia ser vivido num contexto democrático. O pensamento de Maritain deu a Delgado a base conceitual para efetuar sua passagem desse “ethos” autoritário para um “ethos” democrático.

Para Lubambo e Delgado a religião era o símbolo da vida e dava a razão da existência exatamente como Geertz a explicou. Tendo um símbolo autoritário de religião ou um democrático, dela vai desembocar num “ethos” correspondente.

<sup>60</sup> Luiz DELGADO. À margem da filosofia social de Jacques Maritain, p. 219.

No contexto da transição de um governo autoritário para um governo democrático dos anos 1930 -1945, em Pernambuco, dois católicos, preocupados sobre como devem viver sua cidadania, fizeram suas opções. Falecendo em 1943, não sabemos, se Lubambo tivesse vivido por mais tempo, se ele iria permanecer na sua opção. Entendemos, porém, que os dois representam bem como um determinado símbolo da religião vai produzir seu correspondente “ethos”.

## Referências

- AZEVEDO, Ferdinand. *A missão portuguesa da Companhia de Jesus no Nordeste 1911-1936*. Recife: FASA, 1986.
- BEZERRA, Antônio Vicente Andrade. O discurso do Sr. Andrade Bezerra. In: \_\_\_\_\_. *Recepção de Luis Delgado na Academia Pernambucana*, Recife: [s.n.], [1941].
- [Carta de William P. Everts a Manuel Lubambo]. Boston, Massachusetts, April 28, 1941.
- [Carta do Percy A. Martin a Manoel Lubambo]. Stanford University, April 11, 1941.
- [Carta do Diretor da Divisão de Imprensa a Manuel Lubambo]. Rio de Janeiro, 25 set. 1940.
- DELGADO, Luiz. À margem da filosofia social de Jacques Maritain. *A Ordem*, Rio de Janeiro, v. 26 n. 5/6, 1946, p. 219.
- \_\_\_\_\_. Alguns aspectos do problema da liberdade. *Jornal do Commercio*, Recife, 1943, pp. 26-27
- \_\_\_\_\_. *Carlos de Lima Cavalcanti: um 'Grande' de Pernambuco*. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1975.
- \_\_\_\_\_. Civilização “cristã”. *Para o Alto*, Recife, v. 4, n. 44, mar. 1938, p. 2.
- \_\_\_\_\_. *Inquietos*. Recife: Typ. Livraria Universal, 1929.
- \_\_\_\_\_. *Um aspecto da monarquia*. Recife: Centro de Cultura Social Dom Pedro Henrique, 1934.

\_\_\_\_\_. *Um só Maritain*. Diário de Pernambuco. Recife, 8 dez. 1972.

FERNANDES, Antônio. *Jacques Maritain: as sombras da sua obra*. Recife: Separata de Fronteiras. Recife, 1937.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

*Lembrança do IIIº Congresso Eucarístico Nacional*. São Paulo: Indústria Gráfica Siqueira Salles Oliveira & Cia, 1939.

*Lembrança do III Congresso Eucarístico nacional aos seus Irmãos do Norte e do Sul; 2-7 de setembro, 1939*. Recife: Congregação Mariana da Mocidade Acadêmica, [s.n.].

LUBAMBO, Manoel. Inquérito sobre o problema do nacionalismo cristão. Entrevista com Armaund Bernadini da revista "Chrétienté – Occident". *Fronteiras*. Recife, v. 8, p. 8, jul. 1939.

\_\_\_\_\_. Caixa de Crédito Mobiliário. *Fronteiras*. Ano 7, n. 9, set. 1938, p. 14.

\_\_\_\_\_. Caráter. *Tradição*. Recife, v. 6, ano 7, nos. 36/37, p. 104, out.

MARITAIN, Jacques. *Humanismo integral: uma visão nova da ordem cristã*. Tradução Afranio Coutinho. São Paulo: Nacional, 1941.

\_\_\_\_\_. Alguns passos de Maritain no Recife. In: *Jornal do Commercio*, Recife, 3 jun. 1973.

PANDOLFI, Dulce Chaves. *Pernambuco de Agamenon Magalhães: consolidação e crise de uma elite política*. Recife: Massangana, 1984.

Pernambuco. Portaria nº 1391, de 24 de novembro de 1937. Indicarem os livros e outras publicações a serem apreendidas pela. *Diário Oficial do Estado de Pernambuco - Estados Unidos do Brasil*. Recife, 27 nov. 1937, v. 14, n. 258, p 7.

REINAUX, Marcílio Lins. *O mundo guardado de Luiz Delgado*. Recife: FUNDARPE, 1985.

VASCONCELOS, João. Manoel Lubambo. Recife: Tradição, 1944.

WAMBERTO, José. Manuel Lubambo: uma consciência em ação. *Jornal do Commercio*. Recife, p. 13, 1 mar. 1943. Caderno I.